



Interseccionalidade em saúde: impactos do preconceito nos índices de diagnóstico de HIV no ano de 2022

Bruna da Silva Sousa

Raquel da Silva Sousa

Iasmin Borges da Costa

Vera Regina Fernandes da Silva Marães

RESUMO

Introdução: O vírus da imunodeficiência humana popularmente conhecido por HIV, é o vírus responsável pela deterioração do sistema imunológico do seu portador, que pode ser transmitido por sêmen, lubrificação vaginal, sangue e leite materno, sendo as relações sexuais desprotegidas e o compartilhamento de fluido sanguíneo por seringa as formas de transmissão mais frequentes no Brasil e no mundo. **Objetivo:** Analisar os dados de transmissão do HIV no Brasil por meio do viés sociológico, com ênfase na análise da interseccionalidade. **Metodologia:** Trata-se de uma pesquisa transversal de abordagem quantitativa, realizada por meio da coleta de dados de diagnósticos de HIV no Brasil no ano de 2022. A coleta de dados foi realizada por meio dos dados públicos obtidos no Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). **Resultados:** No ano de 2022, os números de infecções em pessoas pardas e negras totalizaram 3687, enquanto apenas 1971 correspondiam a pessoas brancas. Esses valores refletem a relação de cuidado e disseminação de informação superior em pessoas brancas, de forma que em relação a distribuição por categoria de exposição no ano de 2022, segundo o DATASUS, homossexuais correspondem a 1533 pessoas diagnosticadas nesse ano, enquanto 1493 são heterossexuais. **Conclusão:** Analisando dados econômicos, escolaridade, orientação sexual, gênero e raça, fica claro uma visão interseccional entre raça, classe, gênero e sexualidade. Partindo da teoria da interseccionalidade, onde os preconceitos se somam e se articulam, a interseccionalidade não apenas causa dor e sofrimento pessoal, mas freia políticas públicas, aumenta o estigma e se relaciona com a necropolítica de eliminação de corpos negros e de classes sociais mais baixas. É possível compreender que o público acometido são pessoas negras, e que ainda temos valores maiores na população LGBTQIA+, o que demonstra que as políticas públicas e acesso à saúde ainda estão sendo deficitários para as populações estudadas.

Palavras-chave: Interseccionalidade; HIV; Saúde pública.

1 INTRODUÇÃO

O vírus da imunodeficiência humana popularmente conhecido por HIV, é o vírus responsável pela deterioração do sistema imunológico do seu portador, que pode ser transmitido por sêmen, lubrificação vaginal, sangue e leite materno, sendo as relações sexuais desprotegidas e o compartilhamento de fluido sanguíneo por seringa as formas de transmissão mais frequentes no Brasil e no mundo.



2 OBJETIVO

Analisar os dados de transmissão do HIV no Brasil por meio do viés sociológico, com ênfase na análise da interseccionalidade.

3 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa transversal de abordagem quantitativa, realizada por meio da coleta de dados de diagnósticos de HIV no Brasil no ano de 2022. A coleta de dados foi realizada por meio dos dados públicos obtidos no Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS).

4 RESULTADOS

No ano de 2022, os números de infecções em pessoas pardas e negras totalizaram 3687, enquanto apenas 1971 correspondiam a pessoas brancas. Esses valores refletem a relação de cuidado e disseminação de informação superior em pessoas brancas, de forma que em relação a distribuição por categoria de exposição no ano de 2022, segundo o DATASUS, homossexuais correspondem a 1533 pessoas diagnosticadas nesse ano, enquanto 1493 são heterossexuais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando dados econômicos, escolaridade, orientação sexual, gênero e raça, fica claro uma visão interseccional entre raça, classe, gênero e sexualidade. Partindo da teoria da interseccionalidade, onde os preconceitos se somam e se articulam, a interseccionalidade não apenas causa dor e sofrimento pessoal, mas freia políticas públicas, aumenta o estigma e se relaciona com a necropolítica de eliminação de corpos negros e de classes sociais mais baixas. É possível compreender que o público acometido são pessoas negras, e que ainda temos valores maiores na população LGBTQIA+, o que demonstra que as políticas públicas e acesso à saúde ainda estão sendo deficitários para as populações estudadas.